
REFLEXÕES SOBRE SOCIABILIDADES MEDIADAS PELO DIGITAL EM REDE

(Re) configurando nossas relações

REFLECTIONS ON SOCIABILITY'S MEDIATED BY THE DIGITAL NETWORK

(Re)configuring our relationships

REFLEXIONES SOBRE LA SOCIABILIDAD MEDIADA POR LA RED DIGITAL

(Re) configurando nuestras relaciones

Luciana Velloso da Silva Seixas¹

Leila Santos de Santana²

Lucia Helena Andrade Santos³

Ana Clara São Thiago⁴

RESUMO

No presente artigo pretendemos abordar algumas questões que têm mobilizado as discussões realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa "Sociabilidades, Cibercultura e Educação" (SoCib). Para tanto, trazemos autores como Bauman (2011), Simmel (1973) e Velho (2001) para pensarmos em como estamos mudando as relações, interagindo uns com os outros. Urry (2007, 2010) nos auxilia a pensar como os avanços tecnológicos têm imbricado novas maneiras de constituir e organizar identidades. Nesse sentido, apresentamos as vivências dos cotidianos das pesquisadoras no momento da pandemia SARS Cov-2, bem como alguns frutos das pesquisas realizadas nesse contexto mais amplo, por considerarmos que são emblemáticas de um contexto social mais amplo que necessitam de registros e trocas. Reforçamos aqui a importância de nos apropriar das experiências de educação e formação mediadas por dispositivos digitais em rede e para tanto trazemos autores como Santos E. (2019), Santaella (2013) e Macedo (2000, 2012, 2021). Focamos, ainda, no que se refere ao necessário investimento e outros pontos a se discutir, no que tange às sociabilidades e os processos formacionais no pós pandemia.

Submetido em: 9/01/2023 – Aceito em: 20/11/2023 – Publicado em: 13/12/2023

¹ Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e Educação (UERJ) e do Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da FEBF/UERJ Duque de Caxias/ Rio de Janeiro, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa "Sociabilidades, Cibercultura e Educação" (SoCib). Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped/UERJ) e Doutorado em Educação no mesmo Programa. luciana-vss@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-6832-4189>

² Mestre em Educação pelo PPGECC/UERJ-FEBF. Pedagoga especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica; docente da Educação Básica, atuante na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Membro do Grupo de pesquisa SoCib. leilasantana.edu@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0646-2938>

³ Mestre em Educação, cultura e comunicação pelo PPGECC/UERJ/FEBF. Bibliotecária da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do grupo de pesquisa SoCib. luciaandrade.bib@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7709-3431>

⁴ Mestre em Educação, Cultura e Comunicação (FEBF/UERJ); integrante do grupo de pesquisa 'Sociabilidades, Educação e Cibercultura' (SoCib). Professora dos anos iniciais na Rede pública do Rio de Janeiro, no Complexo da Maré e professora na Educação de jovens e Adultos no município de Petrópolis. E-mail: anasthiago41@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-4508-715X>



Palavras-chave: Sociabilidades. Ciberultura. Processos Formacionais. Digital em Rede.

ABSTRACT

In this article we intend to address some issues that have mobilized the discussions held within the research group "Sociabilidades, Ciberultura e Educação" (SoCib). To this end, we bring authors such as Bauman (2011), Simmel (1973) and Velho (2001) to think about how we are changing relationships, interacting with each other. Urry (2007, 2010) helps us to think about how technological advances have imbricated new ways of constituting and organizing identities. In this sense, we present the experiences of the researchers' daily lives at the time of the SARS Cov-2 pandemic, as well as some fruits of the research conducted in this broader context, because we consider that they are emblematic of a broader social context that require records and exchanges. We reinforce here the importance of appropriating the experiences of education and training mediated by digital devices in network and for this we bring authors such as Santos E. (2019), Santaella (2013) and Macedo (2000, 2012, 2021). We also focus on the necessary investment and other points to be discussed, with regard to sociability and formative processes in the post-pandemic.

KEYWORDS: Sociability. Cyberculture. Formator processes. Networked Digital

RESUMO

En este artículo pretendemos abordar algunas cuestiones que han movilizado las discusiones mantenidas dentro del grupo de investigación "Sociabilidades, Ciberultura e Educação" (SoCib). Con este fin, traemos autores como Bauman (2011), Simmel (1973) y Velho (2001) para pensar en cómo estamos cambiando las relaciones, interactuando entre nosotros. Urry (2007, 2010) nos ayuda a pensar cómo los avances tecnológicos han imbricado nuevas formas de constituir y organizar identidades. En este sentido, presentamos las experiencias de la vida cotidiana de los investigadores en el momento de la pandemia de SARS Cov-2, así como algunos frutos de la investigación realizada en este contexto más amplio, porque consideramos que son emblemáticos de un contexto social más amplio que requiere registros e intercambios. Reforzamos aquí la importancia de apropiarse de las experiencias de educación y formación mediadas por dispositivos digitales en red y para ello traemos autores como Santos E. (2019), Santaella (2013) y Macedo (2000, 2012, 2021). También nos centramos en la inversión necesaria y otros puntos a discutir, con respecto a la sociabilidad y los procesos formativos en la postpandemia.

PALABRAS CLAVE: Sociabilidad. Ciberultura. Procesos formadores. Digital en red

... Eu quero ter um milhão de amigos
E bem mais forte poder cantar
Eu quero ter um milhão de amigos
E bem mais forte poder cantar

("Eu quero apenas" – Roberto Carlos)

Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração
Assim falava a canção que na América ouvi
Mas quem cantava chorou
Ao ver o seu amigo partir

("Canção da América" – Milton Nascimento)

Nossos quereres e relações

Neste texto, pretendemos abordar algumas questões que têm mobilizado as discussões realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa "Sociabilidades, Ciberultura e Educação" (SoCib), criado pouco antes da pandemia SARS Cov-2. Seu registro no Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) é 01 de fevereiro de 2021, quando oficialmente comemoramos o “nascimento” do grupo de pesquisa. As pesquisas que foram desenvolvidas, pelos membros que o compõem, a forma como interagiam com os praticantes, e ainda, como essa interação acontece entre os membros do grupo, determinaram o terceiro enfoque que daríamos às nossas pesquisas: sociabilidades mediadas pelo digital em rede.

Algumas reflexões de George Simmel (1973), no texto escrito no começo do século XX, “As metrópoles e a vida mental”, descrevem as relações humanas se modificando e apresenta a noção de sociabilidade, para pensarmos em como estamos mudando nossas relações, uns com os outros. Mudanças decorrentes do excesso de estímulos nervosos, cobranças e demandas que marcam a vida nas grandes cidades modernas, no contexto ciber cultural no qual vivemos e pretendemos compreender como se dão essas sociabilidades.

Já Gilberto Velho (2001), nos ajuda a perceber o social como interação, como algo que independe de motivações como econômicas, políticas ou de qualquer outra ordem, mas para além de interesses associados a noção de sociabilidades. Sendo assim, a ideia de interação por si mesma, quase como um tipo ideal, no sentido das categorias weberianas.

O conceito foi ganhando conotações, usos e significados, sendo associado à vida cotidiana (Goffman, 2002) através da etnografia. Assim, podemos entender que “sociabilidade é esse território em que você está lidando com as interações, com as redes de interações, com as situações interacionais dos diferentes tipos” (Velho, 2001, p.22). Dentre essas interações citamos as conversas que tínhamos, os laços online e offline que mantivemos, que marcaram a criação do grupo e o desenvolvimento dos trabalhos, especialmente, com o conceito das relações ‘afetoeducativas’ (Thiago, 2022).

Contemporaneamente, em um mundo pautado pelo que podemos perceber com certa dependência ou ainda, mediado pelas tecnologias digitais, vale nos afastarmos de maniqueísmos, como sugerem Elliot e Urry (2010), e entendermos o quanto essas relações mudam formas específicas de sociabilidade, afetando os indivíduos e suas relações interpessoais. Urry (2007) nos auxilia a pensar como os avanços tecnológicos têm imbricado novas maneiras de constituir e organizar identidades, através de diferentes ‘*espaçotempos*’, consolidado o “paradigma das mobilidades” (Elliot; Urry, 2010).

Esses autores (Elliot; Urry, 2010) refletem sobre a redução do nosso tempo de deslocamento

de um local a outro do globo, ampliando a discussão feita por Harvey (2010) sobre o panorama atual em que tempos e espaços parecem ser cada vez mais a ação de entrar em processo de compressão. Eles discutem a concepção de mobilidade baseada, em grande medida, na concepção de liquidez generalizada trazida por Bauman (2000) em consonância com a suposta fluidez que marca o mundo contemporâneo, as relações que o atravessam e nos motivaram a trazer uma das canções da epígrafe e que abordaremos mais à frente.

Urry (2007, 2010), a partir da interpretação feita por Bourdieu do conceito de Karl Marx, para além dos capitais econômico, cultural, social e simbólico, incluiu o capital de rede, que envolve a capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, e-mail, internet, Skype etc.; acesso a informações e contatos, a comunicação. Em linhas gerais, capital de rede refere-se à capacidade de engendrar e manter relações sociais com pessoas que podem estar geograficamente ou não, dispersas e que podem gerar benefícios emocionais, financeiros e práticos, e por que não, em nossas reflexões, pensarmos na importância dos processos formativos e como eles podem se dar nesse contexto.

As canções nos dizem muito sobre o tema das relações que criamos, mantemos e/ou desfazemos através do digital em rede. Escolhemos enfocar as relações de amizade, em função de uma fala do sociólogo Zygmunt Bauman (2011), um tanto cético diante dos laços que as redes sociais digitais, em potência, possibilitam. Como na canção de Roberto Carlos, a impressão que temos é a de que, quanto mais “amigos” (expressão entre aspas para questionar seus muitos usos), mais nos destacamos ou em contrapartida, temos nossa conta impedida de adicionar mais de cinco mil, ao menos na rede Facebook.

Bauman (2011) fala, ainda, da bênção e da maldição dos laços humanos, argumentando que estamos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo, conforme pudemos ver exposto no filme “Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual” (2011), que deixa esta questão do paradoxo entre estar só mesmo em meio a tantos e minimizando as distâncias pelo digital em rede. Assim, pensamos na sociabilidade contemporânea, considerando o contexto sociotécnico no qual estamos nos relacionando, tendo em vista as relações que podem ser mediadas pelas tecnologias. Temos, então, pensado nas diferentes sociabilidades que se forjam a partir deste pano de fundo que caracteriza a cultura contemporânea, portanto, sociabilidades em relação com a cibercultura.

É perceptível que, ao tomarmos como referência o contexto em que viveu Bauman e o momento atual, já no século XXI as tecnologias passaram a integrar as ações mais corriqueiras que nos envolvem. Desde fazer compras, pagar contas, se deslocar de um lugar ao outro até manter contato com nossos afetos, manter nossos vínculos sociais e pensar no outro tripé de nossas pesquisas, outras formas de nos formarmos e formarmos.



O modo como isso se processa e o quanto modifica nossas subjetividades é de grande interesse para nosso grupo e para nossas pesquisas. Destacamos ainda as relações que se efetivam nos espaços escolares e o quanto os processos de ‘*aprenderensinar*’ se modificam com todas estas mudanças.

Para que e como pesquisamos: Frutos de nossos laços

Iniciamos, usando como referência ‘As Cinco Estações da Formação’, (Warschauer, 2017) que consistem em estações de trem subjetivadas na concepção que sugere um único ponto de partida, o ‘Ser Acolhido’, para depois visitarmos cada uma das outras ‘estações’, conforme prosseguimos em nossas leituras, reflexões e ações. Iniciando nosso caminhar, seguiremos as estações:

a) Primeira estação: ser acolhido

O acolhimento da pessoa como ser humano, como colocado por Warschauer (2017), é a primeira estação, o princípio de tudo, de onde partimos em direção às demais “paradas”. A feliz recepção de quem chega ao grupo se configura em uma acolhida afetiva, que permite troca de ideias, reflexões e pontos de vista. Com as apresentações dos recém-chegados e dos que já faziam parte, nos possibilita sentir integrados já no primeiro momento; um sentimento de pertencimento que cresce a cada semana, conforme as ações e atividades do grupo agregavam outros sentidos.

Posteriormente, já online em 2020, nossos encontros foram embalados pelas apresentações musicais de nossos parceiros, Ana Clara (voz) e Natan (violão). O processo de acolhimento também nos faz perceber a necessidade de nos colocar no lugar do outro, na busca de fazer sentido para ele, e particularmente, após vivenciarmos o distanciamento físico (Henrique, 2020; Preciado, 2020), expressão que optamos usar no presente texto, considerando as sociabilidades que conseguimos manter mediadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, diante da pandemia do novo coronavírus. Como destacado pela autora, não basta a intenção de acolher, o outro precisa se sentir acolhido.

b) Segunda estação: aprender fazendo

Entendemos que é na prática e pela prática – pela discussão, diálogo, trocas de experiências, compreensões e ressignificações partilhadas – onde assimilamos e compreendemos teorias e conceitos, visando lidar com as situações concretas do nosso dia a dia. Dessa maneira, já no início da pesquisa, buscamos o ‘campo’. O aprender fazendo, assim, torna-se como um lema, numa relação dinâmica de ‘*praticateoriapratica*’, vivenciamos os fatos, refletimos sobre eles e buscamos respaldo nas teorias para que possamos novamente vivenciá-los com um olhar mais ampliado.

**c) Terceira estação: aprender crescendo**

Essa é a estação em que se investe na pessoa, no ser humano de forma holística, lembrando que os valores profissionais fazem parte dela. Assim, com vistas à formação humana, na qual as artes, o lúdico, os afetos, as interações e o respeito às diferenças e diversidades ganham suas relevâncias. Nessa perspectiva, é preciso pensar plural, olhar para dentro de si considerando algo além do pré-estabelecido, entender que o outro nos constitui progressivamente, no exercício da criatividade e da autonomia humanas.

d) Quarta estação: aprender trocando

Um grande pilar dessa ‘estação’ a ser explorado nos encontros e nas rodas de conversas é a melhora da comunicação, através da consciência de que estamos aprendendo uns com os outros, interagindo, meios às discussões e aos confrontos de ideias, na exposição dos relatos de vivências e experiências, vistos por ângulos diferentes, de onde surgem diversos questionamentos e esclarecimentos. Ouvir o outro, aceitar seus limites, diferenças e possibilidades; analisar uma situação sob diferentes perspectivas, controlar as próprias emoções, argumentar e se arriscar, constituem alguns dos aprendizados que, por sua vez, melhoram a qualidade comunicacional.

e) Quinta estação: certificar praticando

Não existe uma divisão entre aprendizado e avaliação, pois quando a aprendizagem acontece, ela aparece na prática profissional e se reflete nos resultados alcançados, individualmente e pelo grupo. Esta se dá na ‘*praticateoriapratica*’ mais uma vez, quando se discute, se reflete, se interage e os resultados acontecem, realimentando o processo de desenvolvimento; nas diferentes situações cotidianas, na medida em que se identifiquem as diferentes potencialidades de cada um dos integrantes.

Temos buscado articular diferentes espaços de sociabilidades, currículos, tecnologias, e influências culturais, tentando compreender este espaço de intersecção que envolve os usos dos dispositivos tecnológicos. Desenvolvemos pesquisas ligadas ao uso de múltiplas linguagens na educação, com ênfase nos processos que se dão no contexto da cibercultura. E ainda, pesquisamos novas formas de socialização que ocorrem com o uso de múltiplas linguagens como: imagens, sons, fotografias, vídeos, aplicativos e redes sociais, bem como as implicações destes usos nos currículos educacionais e nos processos formativos.

Entendemos que estes usos fazem emergir novas relações educativas, acarretando tanto processos de inclusão, quanto de exclusões digitais. Temos também pesquisado diferentes formas de letramentos que se dão tanto nas instituições educacionais quanto fora delas, a partir da ideia de que tanto os meios quanto as mediações importam, no que se refere a estas sociabilidades emergentes.



No contexto dessas diferentes sociabilidades, temos por tradição conjugar diferentes linguagens, inclusive a música, tanto em nossas reuniões quanto em nossos trabalhos, textos e dissertações. Não unicamente como linguagem de apoio, mas como parte integrante dos trabalhos, percebendo a importância de “narrar a vida e literaturizar a ciência”, o quarto movimento das pesquisas com os cotidianos, que reconhece “o valor da narrativa, do romance, da fala, da música e de todos os sons e imagens” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 32) indo além de simples análises de documentos, considerando-os (as) como ‘*conhecimentossignificações*’.

A concepção de “literaturizar a ciência” procura romper com a ideia de um sujeito anônimo que se constitui na neutralidade, visto que o processo de autorização pressupõe posicionamento crítico e político, envolvimento e engajamento. Nesse sentido, “**todos somos autores** como ‘*praticantespensantes*’ de múltiplos e diversos cotidianos que surgem nas tantas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos” (Andrade; Caldas; Alves, N., 2019, p. 33 – *grifos nossos*), em que cada sujeito é valorizado em seus dizeres, fazendo parte dessas tessituras e composições com igual importância.

Além disso, nossas escolhas talvez tenham muito da influência da coordenadora do grupo, que ama música e está sempre estimulando esse diálogo. Foi uma forma de nos aproximar e manter os encontros mais leves em meio a um contexto no qual só nos encontrávamos através das telas por conta do distanciamento social imposto pela pandemia.

Com o retorno ao presencial, não deixamos de lado o que aprendemos com a pandemia e seguimos conjugando os encontros síncronos via Zoom, com momentos de trocas e interações face-a-face. Entendemos que esta junção nos ajuda tanto a manter o grupo fortalecido, por entender que os deslocamentos nem sempre são possíveis e esta alternância de ambiências formacionais ajuda a contemplar a maioria. Além de nos fazer matar as saudades, já que aquele cafezinho pós reunião é muito melhor quando tomado junto.

Abordarmos estas possibilidades que o digital em rede nos evoca, junto das lembranças do presencial e o reconfiguram, ao convidarmos Giddens (2005, p.24) para um café conosco, de acordo com o que traz em sua reflexão sobre “imaginação sociológica”, embasada em conceito de Wright Mills (1970). Concordando com Giddens e seu convite a utilizarmos nossa “imaginação sociológica” para pensar, por exemplo, no simples ato de tomar uma xícara de café. Sociologicamente, além dos valores individuais, esta ação está ligada a questões que envolvem, por exemplo, fatores econômicos e simbólicos. Simbolicamente o café agrega e nos faz pensar em como, até mesmo para os integrantes do grupo que não o ingerem, pode significar muito. E como nos faz falta...

Não obstante, as pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisas são pensadas e articuladas a partir do que nos inquieta nos cotidianos, buscando compreender os significados e



significações, promovendo o conhecimento acerca do que pesquisamos. Apresentamos um panorama de algumas pesquisas realizadas, alguns frutos de nossos laços. Destacamos “Atos de currículo com *WhatsApp*: o digital na Educação de Jovens e Adultos”, a “Biblioteca Ubíqua: ‘*espaçotempo*’ mobilizador do letramento informacional nas periferias urbanas” e as “Relações ‘*afetoeeducativas*’ em ambiências *online* no Ensino Fundamental I: possibilidades formativas em tempos de pandemia no Complexo da Maré – RJ”, sobre as quais faremos um pequeno aprofundamento a seguir.

A pesquisa desenvolvida a partir das experiências de “**Atos de currículo com *WhatsApp*: o digital na Educação de Jovens e Adultos**” (Santana, 2019), considerou as inquietações que impulsionaram a professora-pesquisadora, a buscar compreender se as tecnologias digitais de comunicação e informação poderiam ser utilizadas na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos. Assim, compreender de que maneira o uso dessas tecnologias, através do *smartphone* e do *WhatsApp*, poderiam ampliar e, por conseguinte, enriquecer os processos formativos dos alunos da EJA, desenvolvendo uma pesquisa-formação multirreferencial na ciberultura, em sintonia com a abordagem das pesquisas com os cotidianos.

No desenvolvimento da pesquisa fizemos o movimento ‘*praticateoriaprática*’. Primeiro trazendo as nossas inquietações e vivências cotidianas; depois buscando embasamento teórico metodológico no nosso quadro referencial, que nos ajudou a pensar a pesquisa e nossa prática, como a Santos E. (2019) para desenvolvermos a pesquisa-formação na ciberultura, juntamente com Lemos (2002) que nos ajudou a interpretar o cenário sociotécnico no qual estamos. Trouxemos ainda, Roberto Macedo (2012) e outros autores que nos ajudaram a pensar e entretecer diferentes saberes. Por fim, Alves (2008) tendo em vista os estudos dos cotidianos, o entendimento das narrativas cheias de significações e a sua luta pela escola pública a qual podemos acrescentar, crítica e democrática como nos inspira Freire (2014).

Compreendendo que precisamos buscar a formação, e que essa não consiste num puro treinamento técnico (Freire, 2014) demos continuidade ao movimento o voltando para a prática, com a teoria apreendida e percebemos como as narrativas de si, uma das categorias analíticas, geraram diferentes sentidos e significações. Ainda com base no autor, cientes de que o conhecimento do mundo, a formação dos indivíduos depende da sua posição como cidadão participante das questões da sociedade, sabedor de direitos e deveres individuais e coletivos e individuais, advindos, ao menos em parte, de práticas de letramento.

Essa percepção nos encaminhou à busca pela compreensão do conceito de letramento e seu deslocamento para além do escolar, portanto, multiletramentos. Dessa maneira, após propomos diferentes atos de currículos, criamos eventos de letramento, emergiram outras categorias a serem analisadas, como o letramento digital, político e social. Categorias que motivaram os estudos desses multiletramentos através de Rojo (2012), Soares (2004) e Street (2003).



Compreendemos ser necessário o desenvolvimento desses multiletramentos, assim como urge trazer à escola para a contemporaneidade, ampliando novas formas de *‘aprenderensinar’*. Todavia, atentos, pois nos processos as desigualdades e as exclusões existentes são ampliadas, ante a exclusão digital e falta de uma internet de qualidade denunciada nos estudos de Pretto (2013) e Garcia Canclini (2009), por exemplo.

Entendemos que as tecnologias digitais de informação e comunicação não consistem na solução de problemas, sejam sociais, políticos, econômicos ou educacionais, mas em potência, podem influenciá-los positivamente, juntamente com o desenvolvimento de multiletramentos. Aproximando pessoas, geograficamente, distantes, ampliando as formas de aprender e de interagir. Discutindo e evitando os compartilhamentos de *fake news*, que afetam os diferentes processos e as relações sociais. Inclusão ciber cultural discutida na pesquisa e demanda intensificada pela pandemia do Sars Cov-2, com a imposição do distanciamento físico.

Com a pesquisa intitulada **“Biblioteca ubíqua: ‘espaçotempo’ mobilizador do letramento informacional nas periferias urbanas”** (Santos L, 2021) consideramos os papéis da biblioteca e dos bibliotecários na educação diante da atual imersão da informação em ambientes digitais. Assim a pesquisa propôs compreender como professores e bibliotecários, em contextos periféricos, podem atuar potencializando o letramento informacional na atualidade marcada pelo digital em rede, em mobilidade ubíqua.

Letramento informacional (Gasque, 2012) é um processo de aprendizagem necessária ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas para buscar e usar a informação, tão fundamentais em tempos de desinformação e um dos programas desenvolvidos por bibliotecários e professores. Uma visão bastante disseminada em relação às bibliotecas é a de que a biblioteca é o lugar onde se guardam livros, até pela própria formação da palavra, entretanto a evolução da biblioteca demonstra que mais do que caracterizá-la pelo suporte, que mudou com o passar do tempo, uma de suas principais características além do armazenamento, é a disseminação de informações e em muitos casos, lugar de encontro.

Atualmente na ciber cultura, a biblioteca é ubíqua, pois se antes a busca por informação e o compartilhamento estavam encerradas entre as estantes de livros, atualmente está dispersa em diversos dispositivos móveis, com acessos variados nas redes digitais. Compreendemos o conceito de biblioteca ubíqua (Rodríguez, 2011) como a biblioteca marcada pelo compartilhamento e pela convergência, na qual as informações são disponibilizadas em múltiplos formatos e múltiplas linguagens. Entretanto, além de informações úteis, a inquietação de uma biblioteca que guarda qualquer coisa, designado por Barbier (2018) de *infopoliuição*, nos mobiliza a educar o cidadão contra o que as redes disseminam, com aspectos maléficos para a sociedade que são a desinformação e *fake news*.



Assim, a pesquisa adotou a bricolagem metodológica com a etnopesquisa crítica (Macedo, 2000) multirreferencial e com as pesquisas com os cotidianos (Alves, 2008). Utilizamos os dispositivos da etnopesquisa de Roberto Macedo (2000), como etnotextos, neste caso etnotextos digitais, como o *Whatsapp* e *Facebook* com uma turma da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), além do diário de campo e as conversas, tão presentes nas pesquisas com os cotidianos. Nesta abordagem o fazer ciência se estabelece sem perder o rigor, aproximando dos praticantes, utilizando a escuta e olhar sensíveis, como ensina Barbier (2007), o que nos permite alcançar o objeto de estudo. Assim fizemos rodas de conversas na sala de aula e na biblioteca, além de conversas individuais com alunas e usuários da biblioteca.

Neste sentido, diante dos dispositivos utilizados, percebemos as variadas conexões com os letramentos, pois em uma sociedade marcada pela hipermobilidade e múltiplas linguagens digitais, são necessários além do letramento informacional, múltiplos letramentos para a seleção e organização da informação, como o crítico, o literário, midiático, digital, entre tantos outros.

Além destas questões relacionadas ao letramento informacional e como auxiliar estes estudantes neste ambiente marcado pela desinformação, também surgiram questões de como a biblioteca pode ser um local de acolhimento para estudantes em sua chegada em um ambiente escolar, o que conecta esta pesquisa, assim como todas as outras, com as relações entre as socialidades e educação atualmente.

Com efeito, a pesquisa **“Relações ‘afetoeeducativas’ em ambiências online no Ensino Fundamental I: possibilidades formativas em tempos de pandemia no Complexo da Maré – RJ”** (Thiago, 2022) emerge no ano de 2020, em que nossas vidas se alteram por completo devido à presença do novo coronavírus. Em particular, nossas formas de ‘*aprenderensinar*’ passam a ser limitadas aos ‘*espaçostempos*’ mediados pela tecnologia, devido à imposição dolorosa, porém necessária do distanciamento físico. Desse modo, este trabalho tem por objetivo compreender como relações ‘afetoeeducativas’, estabelecidas exclusivamente nas ambiências *online* em tempos de pandemia, favorecem a emergência de processos formativos de estudantes da educação básica nas periferias.

Educar em tempos de pandemia exige que nos reinventemos, aprendamos, em processo, a usar novas metodologias e recursos tecnológicos e midiáticos, tendo em vista, principalmente, a permanência do afeto nas relações educativas. Assim, por meio de um posicionamento metodológico que se baseia em uma forma de fazer ciência com um *rigor outro*, procuramos brincar os princípios da multirreferencialidade e as pesquisas com os cotidianos, por meio de uma práxis educativa (Freire, 2015) mobilizada e afetiva. A partir dos dispositivos acionados, com destaque para os aplicativos Zoom e WhatsApp, emergiram ‘conversas’ (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2019) e narrativas, que tratamos como as principais formas de produção de

‘conhecimentossignificações’.

A pesquisa, realizada no período de março de 2020 a março de 2021, contou com a participação de 11 discentes do 4º ano do Ensino Fundamental, 5 responsáveis e 12 professores de uma escola localizada na periferia do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, em conversas viabilizadas principalmente por dispositivos móveis, através do aplicativo WhatsApp, já apontado como emergente da 3ª fase (atual) da educação *online* (Santos, E., 2019). Nesse âmbito, destacamos sua importância como mobilizador das relações, disparador de narrativas autorais e potentes entre discentes-docentes-responsáveis, com a presença de funções que abrangem os novos letramentos, tornando-o dispositivo fundamental dessa pesquisa e mobilizador de sentidos na cibercultura.

Para além, ao longo das nossas ‘*escritasleituras*’, percebemos que o afeto sempre esteve conectado às relações educativas, em todas as instâncias, desde a itinerância desta ‘*professorapesquisadora*’ e, de forma mais contundente, em suas leituras e experiências. As problemáticas ocasionadas pela desigualdade social de acesso e formação, todavia, impossibilitaram a permanência dessas relações de afeto, deflagrando ainda mais a necessidade da criação de políticas públicas voltadas para conectividade à Internet e acesso aos meios tecnológicos. Refletimos, portanto, que essas questões se apresentam como novas formas de opressão da contemporaneidade, a partir de concepções atualizadas sobre os oprimidos sociais de que trata Freire (2014), que atualmente estão diretamente relacionados à exclusão digital.

Por outro lado, vale enfatizar que as conversas mantidas em meio a esses tempos extraordinários tiveram papel fundamental para a manutenção das práticas educativas, em que ‘*docentesdiscentes*’ elaboraram estratégias e táticas para se manterem conectados e não paralisarem suas atividades diante das dificuldades impostas. E esses entrelaçamentos, as narrativas e conversas mantidas com os praticantes, apontaram para a importância de buscarmos um conceito para as relações ‘*afetoeducativas*’, inédito até então, estabelecidas em nossa pesquisa.

Nesse sentido, em meio a processos mediados pela dialogicidade, compreendemos a importância de ressaltar a associação imprescindível entre as dimensões afetiva e educativa, elaborando esta concepção a partir das relações que fizemos entre as dimensões *psicológica* com Wallon (Galvão, 1995), *filosófica*, com Espinosa (Gomes; Da Silva Junior, 2013; Imianowsky, 2020) e *educativa* (Freire, 2015) do afeto e afetividade. Consideramos, por fim, que “Relações ‘*Afetoeducativas*’ são as relações que, movidas pelo sentimento de alteridade, compreendem o ser nas suas experiências individuais e sociais, por uma perspectiva integral, em que se assume um compromisso ético com o outro, na busca mútua da humanização” (Thiago, 2022).

Assim, diante desse momento tão diverso, de distanciamentos físicos e saudades, por meio de



uma aprendizagem significativa na cibercultura, denotamos a importância do olhar atento às singularidades e valorização de cada sentimento que emerge nesse percurso. Percebemos a importância de valorizarmos a pedagogia dos encontros, em detrimento das ausências, que tanto nos maceram. Procuramos encontrar nos sonhos as possibilidades de nos tornarmos inéditos, viáveis, deixando o mundo mais belo, mais preenchido de bonitezas.

Além da neutralidade e da questão geracional: reflexões sobre os usos do digital em rede

As tecnologias digitais em rede, por meio dos dispositivos de pesquisa acionados e utilizados em cada uma das pesquisas que foram desenvolvidas por membros do grupo, como o *WhatsApp*, a biblioteca ubíqua e as ambiências online, influenciam as formas de aprender, ensinar, interagir e se expressar em diferentes cenários, como na Educação de Jovens e Adultos, nas periferias urbanas e também com crianças do Ensino fundamental e seus responsáveis, tanto em tempos de pandemia, quanto em outros momentos, demonstrando que a cibercultura, que é a cultura contemporânea marcada pela presença das tecnologias digitais em rede, influenciou e determinou mudanças na vida social, política, econômica e cultural, destacando a importância das singularidades, das diversidades e das complexidades dos sujeitos envolvidos nessas sociabilidades que passaram a ser mediadas também pelo digital em rede.

As tecnologias por si só são neutras, pois os usos que damos a eles fazem toda diferença, na medida em que são muitas as possibilidades a partir do dispositivo que cabe nas nossas mãos. No caso das práticas formativas, elas fazem cada vez mais diferença, por esse motivo não há como nos manter neutros ou crer que usá-las ou não não é apenas uma questão geracional, que não afeta modos de ser e estar e na sociedade.

As tecnologias digitais avançaram perceptivelmente nas atividades cotidianas, nas relações existentes entre a cidade e o ciberespaço. Considerando, especialmente, as demandas decorrentes da crise pandêmica global em que vivemos, por conseguinte, o habitar com o necessário distanciamento geográfico entre as pessoas, foram se dando as mudanças na relação '*docentesdiscentes*', ensejando a necessidade de uma abordagem metodológica diferente da comumente empregada no campo educacional.

O uso das tecnologias digitais, principalmente como colocado por Santaella (2013), em contexto de mobilidade ubíqua, e como explicitado em cada uma das pesquisas trazidas pode potencializar práticas formativas, sobretudo se considerarmos que, ainda na atualidade, a democratização do uso dessas tecnologias em rede não é garantida, pela falta de uma internet de qualidade e acessível a todos, apesar de consistir em um direito humano, conforme previsão no Marco Civil da Internet - Lei nº 12.965/14 (Brasil, 2014), essencial ao exercício da cidadania, e de desenvolvimento de multiletramentos digitais, dentre eles os letramentos políticos e os críticos. As instituições educacionais possuem um ecossistema pedagógico (Pretto, 2013) que conta com a participação e a criação de toda a comunidade escolar, sendo

capaz de diversas produções culturais para desenvolvimento do conhecimento.

Ao ecossistema pedagógico que já conhecemos podemos acrescentar as tecnologias digitais em rede que, num cenário de normalidade, como alternativa viável de interação, como foi apresentado nas pesquisa desenvolvida junta a Educação de Jovens e Adultos ou ainda, considerando as diretrizes sanitárias de distanciamento fixadas, contrapondo-se aos modelos tradicionais de escolarização, como ocorrido nas pesquisas que abordaram o uso da biblioteca ubíqua e o desenvolvimento das relações '*afetoeducativas*' ante a inclusão e possibilidades de usar as interfaces presentes nos dispositivos tecnológicos digitais e em rede (Santos, 2019) para compor ambiências formativas diversas e soluções educacionais, principalmente frente à urgência de planejamento para enfrentamento do momento pandêmico.

Ressaltamos que, apesar de reconhecer o avanço nos usos das tecnologias digitais nos processos de aquisição, tornando-se janelas para o mundo e na produção de conhecimentos, também aumentou a percepção, tornando mais evidente, as desigualdades de acesso às mesmas e a uma conexão de qualidade, em diferentes contextos, como na rede pública e na rede particular, face à arquitetura que ambas apresentam. São desigualdades que se traduzem em capacidade econômica e social, bem como na habilidade e nos usos dados a essas tecnologias, que consistem em fatores determinantes para a rapidez e adequação a uma nova configuração educacional.

É necessário destacar o artigo redigido em parceria entre membros do grupo de pesquisa (Santana et al, 2021). O texto foi publicado na revista "Artes de Educar", intitulado: "A arte de reinventar a educação e o papel da ciberultura em tempos de distanciamento social", através do qual trouxemos as inquietações e aprendizados a partir dos do reconhecimento da importância da educação online como um fenômeno da ciberultura e das tecnologias como única forma de mediação da aprendizagem neste contexto imposto pelo acontecimento da pandemia.

Sem dúvida, o contexto pandêmico que nos atravessou trouxe à tona discussões muito importantes sobre a cultura na qual estamos imersos e seus entrelaçamentos com a educação, ou seja, as formas de produzir conhecimentos na linguagem digital. Dessa maneira, a ciberultura revoluciona as formas de comunicação com base nos três princípios básicos apontados por Lemos (2002): 1) a liberação do polo de emissão; 2) conectividade generalizada e 3) reconfiguração social.

Temos hoje diversos fenômenos sociais engendrados pela ciberultura, que para além de celulares e computadores, está associada à cultura contemporânea, que não se dissocia dos fenômenos "ciber". Dessa forma, para compreender como se articulam as tecnologias digitais atualmente, necessitamos levar em consideração a cultura contemporânea e sua dimensão informativa e digital (Weber; Santos, 2013).



A despeito de uma suposta neutralidade, as tecnologias digitais em rede fazem parte de um universo complexo, de mudanças cada vez mais velozes das relações entre as pessoas para a produção de sua existência, modos de ser, estar e compartilhar no mundo contemporâneo. No cenário caracterizado pelo que tem se denominado cultura da convergência (Jenkins, 2009) e mais recentemente, cultura da conexão (Jenkins; Green; Ford, 2014), temos refletido sobre como estas relações de conexões, aproximações e afastamentos têm se dado. Sem determinismos e dicotomias já combatidas por Andrade, Caldas e Alves (2019), mas tentando exercitar uma escuta sensível desenvolvendo ‘*saberesfazer*es’ nas práticas escolares.

Apesar de entendermos que existem diferentes formas pelas quais os/as discentes acessam os recursos tecnológicos para suas atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, muitos/as ainda se sentem "excluídos no interior", num apartheid tecnológico (Garcia Canclini, 2009). E nos dizeres de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (2007), por não disporem deste "capital de rede" ao qual se referiam Elliot e Urry (2010).

Vivências na ciberultura e reinvenções no campo educacional

Depreendemos, com base nas exposições acima retratadas, que é de suma importância afirmar em nossa prática cotidiana, e em diferentes ambiências, que a falta da democratização no acesso às tecnologias e à Internet não pode ser naturalizada, assim como a inexistência de ações para sua oferta a todos, portanto, uma política educacional que prime pela educação para e com o digital em rede.

Questionamos a ideia de encarar com normalidade o fato de alguns alunos, especialmente durante a pandemia, não acessarem as atividades oferecidas pelas instituições educacionais ou manterem uma comunicação síncrona ‘*docentediscente*’, em decorrência da dificuldade do acesso, enfatizando os processos de exclusão, como já citamos. Essas dificuldades desrespeitam o direito humano de acesso à Internet e a redes digitais de comunicação e interação perseguido e que influencia no exercício de uma cidadania plena, como disposto no artigo 5º da Constituição da República Federativa Brasileira de 1988 (Brasil, 1988).

Posto isso, aumentar ou no mínimo manter o quantitativo de alunos participando das atividades é um desafio; entretanto, fazer algo esbarra nas repetidamente citadas ‘dificuldades tecnológicas’: os dados acabam! Os celulares quebram! Porém já temos, principalmente na Educação Básica, ciência dos entraves. Assim o questionamento: ‘Fácil?’ pode rapidamente ser respondido com um ‘não’. A letra da música cantada pela Elis Regina, “Vivendo e aprendendo a jogar; nem sempre ganhando, nem sempre perdendo; mas aprendendo a jogar” retrata a vida e a luta cotidiana docente.

Outro aspecto a ser apontado versa sobre a oferta de uma banda larga de qualidade para acesso em diferentes ‘*espaçostempos*’, nas e pelas instituições educacionais; de programas que



viabilizem a autoria, troca e compartilhamento de criações pedagógicas, que não impliquem a ‘doação’ da propriedade intelectual docente, ante a inexistência ou fragilidade na oferta desses recursos desvinculada de grandes empresas privadas para gerenciamento dos mesmos.

E como não acentuar a relevância de ações afirmativas que propiciem a democratização no acesso aos dispositivos tecnológicos e, para que a discrepância entre as condições oferecidas pelo ensino privado e as ofertadas pelo ensino público não seja tão evidente e, conseqüentemente, o aumento das desigualdades sociais. Essa, dentre outras questões há muito desconsideradas e que comprometem a formação de um cidadão crítico e reflexivo, capaz de exercer a cidadania, no desenvolvimento de uma prática pedagógica alinhada a práxis defendida por Paulo Freire.

Seguimos então com nossos trabalhos, mesmo em meio às incertezas que possam circundar nosso porvir, temos uma certeza de que levamos conosco, compartilhando com quem quiser agregar, enriquecer e potencializar as pesquisas que são desenvolvidas, pois nosso lema segue: **“Ainda bem que a gente tem a gente”**, para apoiar e aprender uns com os outros.

Dessa maneira, foi possível *‘pensarfazer’* e os currículos foram criados e vivenciados de forma a valorizar a diversidade e a pluralidade cultural, bem como a interação e a colaboração entre os alunos e a professora, no processo. O aplicativo escolhido, como colocado, o *WhatsApp*, por ser popular, fácil de usar e possibilitar outros modos de *‘aprenderensinar’*. Apesar do uso do digital em rede na EJA ter sido um desafio, também se constituiu numa oportunidade que permitiu que os praticantes culturais expressassem suas histórias e refletissem sobre as mesmas *‘dentrofora’* da escola. Nos permitiu também diminuir a evasão e abordar alguns fenômenos da cibercultura, como as notícias falsas, pois foram realizadas diferentes atividades com o digital em rede, mediadas pelo diálogo para uma aprendizagem significativa, a partir dos saberes prévios dos praticantes culturais.

Além de que nossas pesquisas abordaram a importância de uma biblioteca em uma faculdade na periferia, pois além dos estudantes, muitos moradores da localidade frequentam a biblioteca para estudo ou para acesso ao *wifi* com seus dispositivos móveis e assim frequentam também a universidade. Com isso, destroem mitos que tanto disseminam sobre o ambiente educacional, pois é isso que a universidade pública busca em termos de inclusão e pertencimento.

Do mesmo modo, foi possível perceber que as conversas mantidas com a comunidade escolar do Ensino Fundamental I (docentes, discentes e famílias) nas ambiências online em tempos de pandemia tiveram papel fundamental para a manutenção das práticas educativas. A partir das estratégias e táticas *‘docentesdiscentes’* para se manterem conectados, como a utilização de dispositivos como o *WhatsApp*, produzimos narrativas em conjunto com os praticantes, percebendo a importância da criação do conceito das relações *‘afetoe educativas’*, por meio da associação imprescindível entre as dimensões afetiva e educativa nos percursos formativos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda (org). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3 ed. Petrópolis: DP et alii. 2008. p.39-48
- ANDRADE, Nívea.; CALDAS, Alessandra. ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês. B.; PEIXOTO, Leonardo. F.; SUSSEKIND, Maria. L. (org). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45
- BARBIER, Frédéric. **História das bibliotecas**. São Paulo: Edusp, 2018
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos da educação**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 217-228.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 de outubro de 1988. [Atualizada até a Emenda Constitucional nº 106/2020] Disponível em: <<https://bityli.com/g3S8P>>. Acesso em: dez. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 12.965 de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm Acesso em: out. de 2022.
- ELLIOT, Antônio; URRY, João. **Vidas móveis**. Londres: Routledge, 2010.
- FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 56 ed., 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREITAS, João. Resenha “Vidas Móveis”. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, n. 35, jan/abr 2014, p. 340-352.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**.

Petrópolis: Vozes, 1995.

GARCIA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento Informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação/Universidade de Brasília, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erwing. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Livia Godinho Nery; DA SILVA JÚNIOR, Nelson. Experimentação política da amizade a partir da teoria dos afetos de Espinosa. **Cadernos espinosanos**, n. 28, p. 39-58, 2013.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HENRIQUE, Trazíbolo. Covid-19 e a Internet (ou Estou em isolamento social físico). **Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v.8, n.3, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/8713>> Acesso em: 01 jan. 2023.

IMIANOWSKY, André Gustavo; DE ALMEIDA VITÓRIA, Carla. Psicologia e afetividade em Espinosa: uma revisão crítica sobre o uso da teoria dos afetos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 54, p. 1-15, 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LE MOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre. Sulina, 2002

MACEDO, Roberto S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas Ciências Humanas e Educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MACEDO, Roberto S. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, Roberto S.; BARBOSA, Joaquim; BORBA, Sérgio (org). **Jacques Ardoino & a educação** . Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.15-38

MEDIANEIRAS: Buenos Aires na Era do Amor Virtual. Direção: Gustavo Tarreto. Buenos Aires: Rizoma, 2011. Vídeo (95 min).

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1970.

PRECIADO, P. B. Aprendendo com o vírus. In: AMADEO, Pablo (ed.). *Sopa de Wuhan*. Madrid: **ASPO (Isolamento Social Preventivo e Obrigatório)**, 2020. p. 163-185

PRETTO, Nelson De L. Reflexões: ativismo, redes sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2013. p.30-70

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

RODRIGUES, Joaquim. La biblioteca ubicua. In: LOS FUTUROS del libro: libros, editores y lectores en el siglo XXI. Madrid, 4 Mar. 2011. Disponível em:

<https://www.madrimasd.org/blogs/futurosdelibro/2011/03/04/132975#.Xyd3KuhKjIU>

Acesso em: 20 jul. 2020.

ROJO, Roxane.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTANA, Leila Santos de. Atos de Currículo com WhatsApp: o digital da Educação de Jovens e Adultos. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019. Disponível em

<https://www.bdtu.uerj.br:8443/bitstream/1/10089/1/Dissertacao%20Leila%20Santos%20de%20Santana.pdf> Acesso em: dez. 2022.

SANTANA, Leila Santos de; REIS, Tamires Elaine Barbosa; SANTOS, Lucia Helena de Andrade; DA SILVA SEIXAS, Luciana Velloso. A Arte de Reinventar a Educação e o papel da Cibercultura em tempos de distanciamento social. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 6, p. 301–324, 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.52268. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/52268> Acesso em: 20 nov. 2023.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf . Acesso em: 14 jun. 2022.

SANTOS, Lúcia Helena de Andrade. **Biblioteca ubíqua**: 'espaçotempo' mobilizador do letramento informacional nas periferias urbanas. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021. Disponível em: <https://www.bdtu.uerj.br:8443/handle/1/17212> Acesso em: 20 nov. 2023



SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, jan-abr. 2004.

SIMMEL, Georg. **As metrópoles e a vida mental**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, Londres, 2003. Disponível em: https://www.tc.columbia.edu/cice/pdf/25734_5_2_Street.pdf. Acesso em: out. 2019.

RUAN, Brian. O que há de "novo" nos Novos Estudos de Alfabetização? Abordagens críticas para a alfabetização na teoria e na prática. **Questões atuais em educação comparada**, [Nova York], v.5, n.2, p. 77-91, 2003.

THIAGO, Ana Clara Frey de S. **Relações 'afetoeeducativas' em ambiências online no Ensino Fundamental I**: possibilidades formativas em tempos de pandemia no Complexo da Maré. Rio de Janeiro - RJ. 2022. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

URRY, João. **Mobilidades**. Cambridge: Polity Press, 2007.

URRY, João. **Sociologia Além das Sociedades**: mobilidades para o século XXI. Londres: Routledge, 2000.

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto; KUSHNIR, Karina (orgs.). **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 13-28

WARSCHAUER, Cecília. **Entre na roda**: a formação humana nas escolas e nas organizações. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

WEBER, Aline; SANTOS, Edméa. Educação online em tempos de mobilidade e aprendizagem ubíqua: desafios para as práticas pedagógicas na cibercultura. **Revista EDaPECI - Educação Online: concepções e práticas**, [Sergipe], v. 13, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/edapeci/article/view/1597>. Acesso em: ago. 2022



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.